

ONDE TUDO ACONTECE — PESSOAS PRECISAM-SE

MARGARIDA CORDO

Era uma vez um ser chamado Tempo que insistia que tudo o que acontecia devia passar por ele – os trabalhos, os lazeres, os desportos, as festas, as relações, os momentos... Enfim, tudo, verdadeiramente tudo.

Parecia presunçoso o que ele queria, mas nada nem ninguém conseguiam mandá-lo embora.

Este ser ia-se mostrando impiedoso e, portanto, por mais desafios a que toda a pessoa se visse sujeita, tinha-o por permanente companhia.

Assim, pareceu preferível começar a considerá-lo, já que nada se podia fazer sem ele.

Por se mostrar tão forte e poderoso, muitos começaram a pensá-lo, já que não era possível continuar a fazer afirmações do tipo “não tenho tempo”. Como pode alguém não o ter se ele está lá sempre? Como pode alguém não o prever se o que ele mais tem é ser previsível, aliás, imutável? Como pode alguém não assumir a sua relação com ele, se ele insiste em estar sempre a relacionar-se com toda a gente?

Mas a verdade é que o que sentimos sobre este personagem muda de cabeça para cabeça, de momento para momento, de relação para relação, de trabalho para trabalho... Propomo-nos continuados desafios e esquecemo-nos de calcular o que é que eles representam para a nossa vida, se apenas acrescentam responsabilidades e afazeres sem terem em conta o “caldo” em que acontecem – cada eu; cada outro; enfim, cada pessoa concreta. Será que sabemos o valor das tarefas que fazemos nesta unidade de medida, protagonista do texto? Fazer, avaliar, planear, medir, evoluir... Pela mão de quem? Quantos mais para pôr em prática tudo isto? Em detrimento de quê? Das relações? Do estar no cuidar? Ou será que cuidar é, hoje em dia, uma teoria sobre qualidade, mas sem as pessoas concretas que deveriam ser alvo dela? Teremos passado a fazer bem para ninguém, embora devesse ser cada um o alvo daquilo que foi bem feito?

Ficam, de facto, muitas perguntas para refletir, sabendo todos nós que a intenção é boa, mas o perigo é não se passar dela e mergulhar na moda do mundo atual: parecer bem, embora, apesar de muito trabalho, não ser melhor.

Pessoas precisam-se para que o tempo de todos seja justo e equilibrado. Não vale a pena tentarmos competir com ele porque ele tem a vitória garantida, embora, idiossincraticamente, seja sentido de formas bem distintas.

Disse William Shakespeare - «O Tempo é muito lento para os que esperam; muito rápido para os que têm medo; muito longo para os que lamentam; muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade.»

Será que estamos a falar de um dilema em si mesmo? Será que estamos a comentar uma incongruência permanente no quotidiano atual?

Se calhar ficamos sem resposta, mas não podemos abdicar das responsabilidades. Para que serve tudo para nos servir, se somos nós a servir o que nos serve?

Não vale a pena enganarmo-nos. Bons instrumentos para medir o que deixa de ser feito são inúteis; bons fazedores de procedimentos negligentes, mas evidenciados, são uma falsidade...

Por isso, não nos iludamos porque o tempo não ilude. Tudo acontece nele e o que subtrair os momentos de estar com e de se relacionar esvazia qualidade de vida ao ser do outro, daquele por quem tudo supostamente é feito.

Fazer a diferença em Hospitalidade é saber que mais coisas têm de ser feitas por mais pessoas. Não pelas mesmas. Maior qualidade tem de ser praticada e não apenas evidenciada sem pragmática; melhor fazer tem de ser também visível no sorriso de cada um e não apenas nas pastas repletas de documentos corretos; progresso científico e investigação têm de ser compatíveis com as intervenções feitas junto de cada homem ou mulher que os justificam: as pessoas assistidas. ■

